



Universidade de Brasília
www.unb.br
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

Mulheres Garis e a Socialização do Trabalho Invisível

RODOLFO GODOI
Orientadora: LOURDES BANDEIRA

Objeto e Objetivos

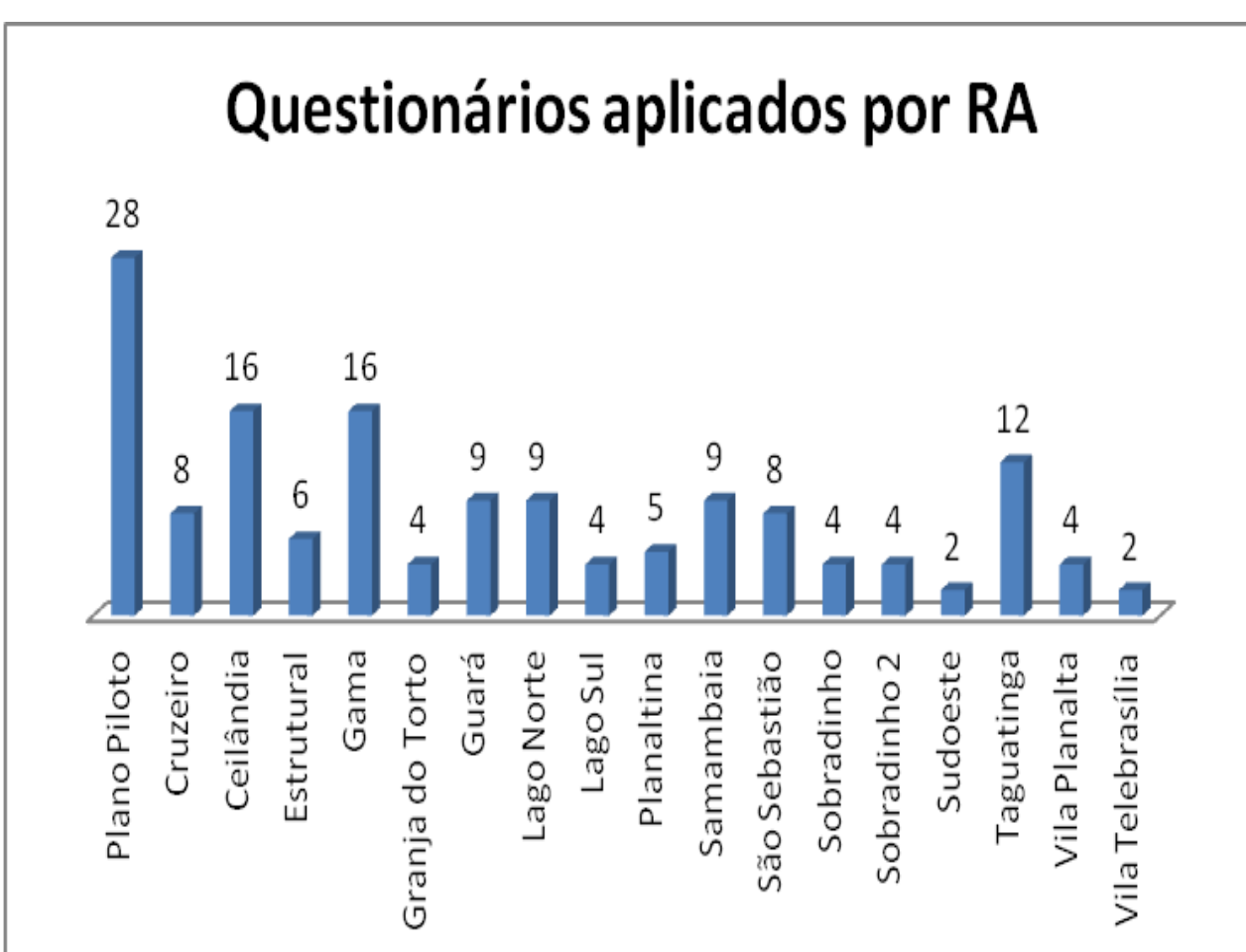
A pesquisa *Trabalhadoras Invisibilizadas*, da qual participa esse projeto, investiga quatro categorias de mulheres que trabalham na construção civil, como terceirizadas para serviços gerais, trabalhadoras domésticas e trabalhadoras garis.

Tendo essa pesquisa destinado-se especificamente as trabalhadoras garis o objetivo é entender como se dão os processos de invisibilidade e da abjeção (Douglas, 1976; Kristeva, 1982) na prática de suas tarefas e lidas diárias enquanto trabalhadoras que manipulam o lixo cotidianamente.

Metodologia

A metodologia para a coleta de dados das mulheres garis do Distrito Federal deu-se através da aplicação de 150 questionários com as mulheres que aceitaram participar da pesquisa. O número de respondentes surgiu a partir do próprio campo: respondiam apenas as mulheres garis que aceitavam participar da pesquisa de forma espontânea.

Foram visitadas 18 Regiões Administrativas (RAs) do Distrito Federal, com a preocupação de abranger cidades com variadas composições socioeconômicas, e também variadas composição urbanas e espaciais.



O questionário é composto de nove sessões, que argüem sobre:

- identificação da entrevistada,
- local de trabalho,
- características do trabalho,
- condições de moradia e transporte,
- trabalho, família e vida pessoal,
- discriminações e violência no tratamento,
- violência doméstica,
- condições de saúde,
- expectativas.

Para além dos dados que temos das respostas aos questionários, muitas informações foram coletadas de forma dispersa nas conversas e no que era dito para além do que se perguntava, e do que se perguntava para além do que estava no questionário.

As trabalhadoras garis foram abordadas durante a realização do trabalho. Essa escolha deu-se pela inadequação em serem entrevistadas no horário do almoço, pois é o único momento de descanso que elas têm durante a jornada; e porque logo de início percebeu-se que muitas delas tinham o momento da entrevista como possibilidade de descanso.

Resultados e Conclusões

A invisibilidade do trabalho das mulheres garis pode ser comparada a invisibilidade do trabalho doméstico. Para todas as pessoas que se deparam com a responsabilidade dos cuidados do lar sabem que é um tipo de serviço que pode receber adjetivos como infundável ou improdutivo. Assim que uma tarefa termina outra tem que começar, e logo depois se volta a anterior. A louça na pia parece nunca acabar, há roupa suja todos os dias, o chão limpo de manhã está sujo pela noite, e a poeira jamais cessará em se acumular.

A mesma percepção e sensação que temos sobre o trabalho doméstico pode ser ampliada e aplicada para o trabalho de limpeza das ruas. Não à toa, como mencionado, algumas áreas da cidade são limpas não apenas todos os dias, mas a todo momento. O resultado de limpar não pode ser percebido quando o que é limpo é limpo todos os dias. Ação repetitiva de plena invisibilidade. A sujeira é justamente o que deve sumir da vista. O resultado de um dia de trabalho desaparece no momento em que é produzido.

O mesmo aponta Soares (2011b)

“C’est une caractéristique présente dans le travail des éboueurs, car il est très facile de repérer les ordures que n’ont pas été ramassées. Cette visibilité suit la même logique que celle du travail domestique: lorsque le travail est accompli, il devient invisible et très peu de reconnaissance lui est accordée, mais lorsqu’il n’est pas fait ou lorsqu’il y a une erreur, tout le monde remarque et critique” p. 221

Evertt Hughes (1962) trabalhando no conceito de *dirty work* (trabalho sujo) diz das ocupações que são tidas como degradantes por uma sociedade e as pessoas que o executam são vistas como sendo párias sociais.

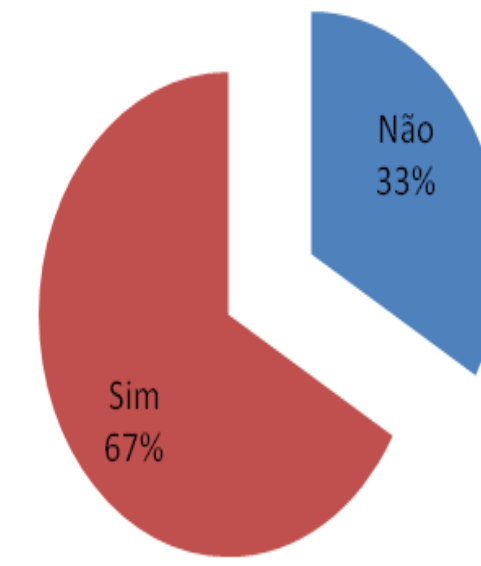
Como um trabalho que é invisível torna a própria pessoa que o faz invisível? Ou como o desprezo pelo lixo se transforma em desprezo por quem lida com ele? Como surge o estigma?

A princípio é importante entender que o trabalho pode ser pensado enquanto uma relação social (Kergoat, 1992. Apud Soares 2011a), situando indivíduo e trabalho no tempo e no espaço; e nas palavras de Kergoat: “uma relação antagônica, estruturante para todo o campo social e transversal à totalidade deste campo social”.

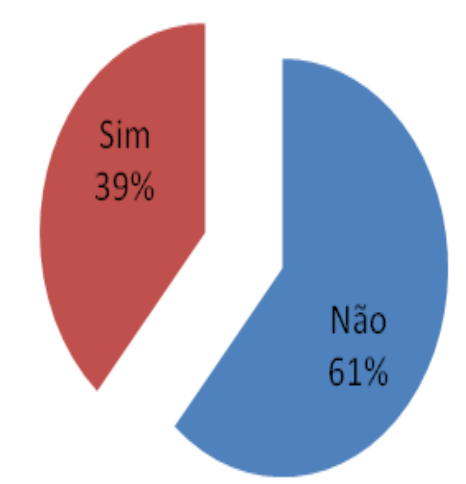
Uma vez estando o trabalho percebido como uma relação social há uma pessoa, um sujeito com identidade, história de vida, subjetividades etc que executa esse trabalho. Se para Douglas (1976) a impureza não está aportada numa essencialidade intrínseca às coisas, mas justamente na composição da ordem e desordem social, estamos então caminhando a algo que parece convergir.

O estigma estabelecido sobre as trabalhadoras garis não é algo abstrato, que paira no ar. Enquanto 67% das entrevistas já disseram ter se sentido discriminadas por serem garis, 39% delas afirmaram terem sido ofendidas diretamente durante a realização de seu trabalho

Já sentiu discriminada por ser garí?



Já foi ofendida verbalmente/xingada?



Se recorrêssemos aqui a uma busca sobre notícias na imprensa sobre casos de profundo desrespeito com as/os trabalhadoras garis ainda mais chocantes seriam os dados.

O trabalho repetitivo, desgastante, de remuneração baixa tem com recrutamento uma parcela da população que circula em outros setores de trabalho que também são subalternos. Parece haver, portanto uma necessidade cotidiana quanto a afirmação da diferença. Trabalhadores subalternos em geral estão uniformizados, dando evidência a suas condições e a que se prestam ali. Com as trabalhadoras garis no Distrito Federal a cor laranja forte é ainda mais paradoxal.

A invisibilidade nessa pesquisa não é apenas metáfora retórica, mas fato relatado pela entrevistadas, e que não atoa nomeia a obra de Fernando Braga Costa – *Homens Invisíveis*.

A quantidade de mulheres que afirmam o que o maior risco no trabalho é o de ser atropelada, por estarem próximas às vias de trânsito e os relatos de colegas de trabalho que foram ou quase foram atropeladas demonstram que mesmo estando usando o uniforme laranja, e fazerem uso de cones, trabalhando todos os dias nos mesmos locais, tais trabalhadoras são invisíveis.

Fernando Costa (2004) descreve em sua obra a ocasião surpreendente que vestido com uniforme de lixeiro entrou no prédio de sua faculdade, atravessou portas, corredores e salas sem ser reconhecido por colegas e professores com os quais convive cotidianamente.

Estando a impureza em Douglas sobre aquilo que está fora da ordem, as garis podem ser percebidas quase como um lixo ou a própria sujeira que anda, que adentra os banheiros públicos, que pede água na porta das casas, nos comércios. Os relatos de mulheres que foram humilhadas ao pedir água são de uma variedade que tem como unidade a humilhação gratuita: são oferecidos água de mangueira, em sacos de supermercado, copos de plástico, ou são ordenadas que joguem fora o copo de vidro que usaram.

É de fato paradoxal: quem limpa a cidade, retirando dela justamente a sujeira, a imundice, e o fedor produzido por todos os transeuntes não são associados ao resultado final de seu trabalho: a ordem. “Nada a respeito de quem mantém o lugar limpo. Os lugares podem nos parecer limpos por natureza” (Costa, 2004).

A invisibilidade parece ter um peso diferente nas mulheres garis, objeto central de nosso estudo. Uma categoria de trabalho que é invisível haveria de ter como referência abstrata um personagem masculino. Isso significa dizer que a invisibilidade tende a trazer homens e mulheres ao patamar de igualdade; mas a igualdade aqui dita não como igualdade de direitos, ou igualdade num sentido positivo, mas a não considerar especificidades da mulher justamente quanto a esses direitos. Uma igualdade que desconsidera as condições sociais e corporais distintas de gênero, e suas necessidades.

Bibliografia.

- ANDERSON, Nels. *Dimensions of work: the sociology of a work culture*. New York: David McKay Company. 1964
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.
- DUBIN, Robert. *The world of work*. Englewood Cliffs: Prentice Hall. 1958
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976
- KUNZRU, Hari; HARAWAY, Donna Jeanne; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pos-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- KRISTEVA, Julia. *The Powers of Horror: An essay on abjection*. New York European Perspectives: A Series of the Columbia University Press. 1982
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007
- HUGHES, Evertt. *Good People and Dirty Work*. *Social Problems* Vol.10, No.1. 1962
- SOARES, Angelo; **Tão longe, tão perto: o trabalho no setor de serviços**. *Revista Latino-americana de Estudos de Trabalho*, Ano 16, n. 26, p. 89-117, 2011a
- SOARES, Angelo; **L'élegance des éboueurs**. In: Corteel, D. & Le Lay, S. *Les travailleurs des déchets*. Paris: Érès, col. Clinique du travail, p 213-214. 2011b